

## A Necessidade do Terapeuta Familiar se Inserir em uma Rede para Trabalhar com Violência Doméstica

Maria Rita D'Angelo Seixas<sup>1</sup>

“Seja a mudança que você deseja ver no mundo”.

Gandhi

### Resumo

*Este trabalho começa com o relato de uma pesquisa científica sobre rede e a sua importância para a mudança no pensar e agir das pessoas. Este relato motivará certamente, para a ideia de que a construção conjunta da humanidade não só é necessária, mas que ocorre com a nossa consciência ou sem ela, principalmente em uma sociedade pós-moderna, dominada pela fragilidade dos valores. Falamos a seguir das consequências positivas e negativas do pós-moderno e do relativismo, para chegarmos à tese de que a violência doméstica decorre da ausência de valores na família e da necessidade do terapeuta de família que trabalha com ela, ser um terapeuta de valores. Como ele próprio está inserido no contexto cultural pós-moderno, surge a necessidade de se integrar em uma rede multiprofissional, que lhe possibilite vários olhares e perspectivas, sobre a violência doméstica e a FAMÍLIA multifacetada que atende e tenha dentro desta rede, maior apoio para atingir seus objetivos. Concluimos que o terapeuta familiar tem que entrar nesta co-construção, não apenas fundamentado em uma ideologia inclusiva, sem amparo valorativo, mas dentro de uma rede que possa abarcar toda a complexidade do fenômeno familiar que é seu objeto de trabalho.*

**Palavras-chave:** rede social; terapeuta familiar; violência doméstica.

---

<sup>1</sup> Doutora em Psicologia Clínica pela PUCSP; Especialista em Psicodrama; Professora Supervisora pela FEBRAP; Especialista em Terapia Familiar e Casal; Terapeuta Comunitária; Terapeuta de família e casal, grupo e individual; Coordenadora do Curso de Família e Casal em Hospital, por dez anos no Depto. de Psiquiatria da UNIFESP; Coordenadora do curso de Terapia Familiar e do curso de Terapia Comun[ita]ria da Escola de Sociodrama Familiar Sistêmico - ESOFs; Ex Coordenadora do CDC da ABRATEF e da ABRATECOM - Associação Brasileira de Terapia Comunitária; Presidente fundadora da ABRATEF 1992/1994; Vice-Presidente da APTF - gestão 2006/2008; Presidente da APTF gestão 2008/2010. Autora do livro Sociodrama Familiar Sistêmico e de alguns artigos e capítulos de livros. Consultora de várias revistas

## The Need for the Family Therapist To Be Inserted in a Network To Work with Domestic Violence

### Abstract

*This work starts with the report of a scientific research about the social network and its importance for a change in people's acting and thinking.*

*This report will certainly motivate the idea that the mutually construction of human kind is not only necessary but occurs either we are conscious of that or not, especially in a pos-modern society dominated by fragile values.*

*Following that, we talked about the positive and negative consequences of pos-modern and of relativism in order to reach the thesis that the domestic violence derives from the family values downgrading and the need of the family therapist who works in this context, to be one with values. As a professional, who will be inserted in the pos-modern cultural context, there is a need for him to be integrated in a professional network which can offer a variety of views and perspectives about domestic violence and the multifaceted FAMILY who he sees, and within the network obtaining a greater support to achieve his objectives. We conclude that the family therapist will have to get in this co-construction, not only based by inclusive ideology, without values support, but within in a network which is able to envelop all the complexity of the family phenomenon which is his work subject.*

**Keywords:** *network; family therapist; domestic violence.*

Estamos vivendo em um mundo que valoriza a pesquisa como fonte da verdade. Por isto resolvi começar este artigo, com um comentário sobre o livro *Connected*, (2009) cuja tradução para o português seria *Conectado: o surpreendente poder de nossas redes sociais e como elas moldam nossas vidas*. Este livro foi escrito por dois autores: Nicholas A. Christakis, Professor de Ciências Políticas da Universidade de Harvard e James Fowler, Cientista Político da Universidade da Califórnia e é resultado de uma pesquisa de muitos anos sobre redes sociais, que está fazendo enorme sucesso nos meios científicos.

Suas pesquisas misturam redes sociais, com saúde, bem-estar e assistência médica. Já estudaram a importância das redes sociais na *contaminação* da obesidade, alcoolismo, depressão, generosidade. Demonstram como as pessoas e suas saúdes estão conectadas por vínculos afetivos em redes sociais. Entendem por redes sociais – ramo da sociologia – que representa relacionamentos afetivos ou profissionais, como ligados em uma rede.

Existe uma pressão do meio ou *contágio social*, ao qual o homem em rede está sujeito e que pode infectá-lo sem que ele perceba. Quanto aos

comportamentos, só podem ser passados entre pessoas que têm laços sociais. Os autores chamam a atenção, para que todos entendam que eles não mataram o livre arbítrio, pois o trabalho mostra que ter livre arbítrio é a melhor maneira de viver a vida, porque quando mudamos, provocamos alterações na rede, que muda conosco. Fácil é transpor estas ideias para o combate à violência. Acreditamos que a única forma de combater a violência é através da mudança positiva de significados, comportamentos e atitudes nos meios violentos, ou seja, por meio da contaminação pela generosidade.

Sabemos que Moreno (1975), Gandhi (1999), Capra (1996) e Bertalanffy (1977) antes destes autores, já falaram muito sobre as redes, suas influências nas pessoas e nos seus contextos e muito antes de todos estes, Cristo já pregara sobrejamente o "Amai-vos uns aos outros," como forma de mudar o mundo.

Só nos resta torcer, para que estes autores com suas pesquisas em Universidades conceituadas mereçam mais a atenção da população. Sabemos que os valores modernos coexistem com os pós-modernos e a concepção de rede talvez possa prestar serviços a quem quer escapar tanto do racionalismo da modernidade, quanto da crise da razão existente na pós-modernidade, apontada por muitos pensadores atuais, como alimentadora da desorientação do homem pós-moderno.

Os terapeutas de família para bem entender as famílias com as quais trabalham, precisam conhecer o contexto sócio-político, cultural e ideológico onde estão inseridas. Isto é muito difícil, pois estamos inseridos no mesmo contexto que teremos que analisar e, portanto, ideologicamente comprometidos. Creio, porém, que as possibilidades de erro, não podem justificar a nossa omissão. Até porque, como acredito que a construção conjunta é que vai ser a norteadora, não quero deixar de dar minha opinião para fazer parte desta construção. Como disse Moreno (1975), todos os homens devem participar da construção conjunta da humanidade.

### **O contexto da pós-modernidade**

É de senso comum hoje, falarmos em pensamento pós-moderno, como garantia de superação de todos os problemas que herdamos do pensamento moderno (racionalismo, individualismo, pragmatismo, consumismo, liberalismo) que nos levaram à situação social em que nos encontramos. Pensam estes, que o pós-modernismo é sinônimo de construção conjunta, inclusão, subjetividade, respeito mútuo e afeto e que sua ideologia é a salvação para nossas dificuldades. Para alguns, porém pós-modernismo é apenas a antítese da falência das promessas modernas de liberdade, igualdade e progresso em favor de todos.

Rubio (2001) sem entrar neste mérito, diz que o pós-modernismo: "é uma sensibilidade distinta da época moderna, que afeta todos os domínios da existência"

(p. 45). Segundo este autor, hoje estamos em um processo de desconfiança da razão, das ideologias do mundo moderno e valorização da emoção, da individualidade e do afeto. Este procedimento acarreta algumas consequências.

Como consequências positivas desta ideologia, cita: aumento da livre escolha, da liberdade e da consciência de direitos fundamentais de cada um, importantes para a promoção humana e aumento da capacidade de ter compreensão e afeto. A *com-paixão* pelos outros, por exemplo, daí decorre, bem como a aceitação de diferenças.

Boff (2004) diz que a característica mais socializante do homem, não é a razão, mas a emoção, pois é ela que nos leva a amar e a ter paixão pelo outro ou *com-paixão*. Porém o homem precisa da razão para controlá-la e não deixar que cometa exageros.

Para Blank (1996), o racionalismo, como um sistema tecnocrata – científico, reduzia o homem a um elemento anônimo. Exigia-se a produtividade individual e em nome dela, sacrificou-se a solidariedade e a convivência humana. O resultado foi um mundo desumano, cheio de agressividade, violência e guerras. Diante de tais resultados a pós-modernidade reage, procurando acentuar valores opostos e valoriza a gratuidade, liberdade o prazer da existência.

Seria de se esperar que nova sociedade daí nascesse. Uma sociedade mais humana e solidária regida pelo afeto. Mas, devido à supervalorização da emoção norteadas por um pensamento débil, inseguro e tolerante, surgem segundo Rubio (2001), as consequências negativas da concretização deste tipo de pensamento: a exacerbação do individualismo, levando exatamente à perda da *com-paixão*, volta para os próprios interesses, falta de condições de manter compromissos duradouros, exaltação do consumismo materialista como objetivo de vida e empobrecimento das relações pessoais. O individualismo, exagerado, leva a questionar todas as referências estabelecidas, centrando sua vivência no prazer e consumismo, mas rapidamente, entra em um sentimento de vazio profundo para a organização da própria vida. Não há compromissos para a vida toda. Os compromissos pós-modernos são leves, provisórios e momentâneos, bem como, a fidelidade às instituições sociais, políticas e religiosas. Paradoxalmente, chega-se ao lugar de partida, a uma sociedade que é cheia de desrespeito, violência e desconsideração pelo outro.

Não podemos esquecer como diz J. Comblim (1998), que paralelamente à pós-modernidade existem muitos traços de modernidade, que dificultam sua implementação. Mas isto não justifica a ineficiência da ideologia pós-moderna, para resolver os problemas sociais atuais. A família de hoje, envolta neste contexto de individualismo e egocentrismo, sistemicamente sofre influência do contexto em que está inserida e tem dificuldades de exercer suas funções de proteção e socialização dos filhos e os cônjuges tem dificuldades de manter vínculos duradouros, gerando insegurança na sua continuidade e, muitas vezes, violência doméstica.

Segundo Libânio (2001), “neste mundo onde há polaridade de ânimos, tensão de projetos, oposição de forças, jogos de interesse divergentes, aí cabe a prática do discernimento” (p. 194).

O discernimento de valores é o primeiro passo na busca de uma nova reconstrução de vivência conjugal e familiar no mundo atual e a possibilidade da exclusão do desvalor.

Os valores formam-se a partir de nossas vivências, que nos fazem tomar contato direto com as coisas e nos dão conhecimentos da existência das mesmas. Aprendemos a partir daí, quais as consequências do nosso modo de agir sobre elas. Essas consequências adquirem significado para nós. Utilizando-nos de várias experiências, adquirimos ou formulamos regras, princípios básicos para nortear a nossa forma de estar no mundo. O conjunto destes princípios básicos, crenças ou valores, constituirão nossa visão do mundo, uma síntese de nossas vivências. Podemos chamar de nosso paradigma social e ético.

Os valores são constituídos a partir de vivências e só se alteram também a partir de outras vivências. Dificilmente transmitimos valores através de aulas ou qualquer outra forma de transmissão racional e/ou verbal. As famílias e comunidades desenvolvem estes valores compartilhados ao longo do tempo, influenciados pelo seu contexto cultural, e a este conjunto chamamos Ética (Seixas, 2006).

O hábito, como *ethike*, exige uma ação participativa – participar no processo – produzir atos nessa esfera – não é uma apreciação estética ou uma compreensão intelectual... (Diskin, 1998).

Temos que aprender a estar cá, no planeta. Aprender a estar quer dizer aprender a viver, a partilhar, a comunicar e a comungar (Morin, 1998, In Lia Diskin).

A Ética é assim constituída por preceitos e comportamentos éticos desenvolvidos através de nossa existência e de nossos inter-relacionamentos Homem-Mundo. Assim sendo, os preceitos são mutáveis, não ao acaso, por valores espontaneístas, voluntaristas, mas são determinados por culturas particulares em função de certos momentos históricos, variando de acordo com cada sociedade e período de sua existência. Cabanas (1996) chama a esta posição de “relativismo”, em que os valores fundamentais seriam relativos a determinados espaços e tempos, não existindo como valores universais. Sem adotarmos nenhum dos extremos, podemos concordar com Adorno (1978) que diz que os valores universais como justiça e verdade existem. O que não podemos dizer é que já os atingimos, porque só apreendemos uma parte deles.

As pessoas precisam, para adotar seus valores, de tempo para vivenciar alguns, questioná-los, pensar sobre eles e finalmente adotá-los criticamente. A rapidez das experiências do mundo atual, não facilita esta explicitação clara de preceitos e comportamentos norteadores, devidamente vivenciados e valorizados. Como, estando a família envolvida pela crise social e tendo seus valores abalados

Segundo Libânio (2001), “neste mundo onde há polaridade de ânimos, tensão de projetos, oposição de forças, jogos de interesse divergentes, aí cabe a prática do discernimento” (p. 194).

O discernimento de valores é o primeiro passo na busca de uma nova reconstrução de vivência conjugal e familiar no mundo atual e a possibilidade da exclusão do desvalor.

Os valores formam-se a partir de nossas vivências, que nos fazem tomar contato direto com as coisas e nos dão conhecimentos da existência das mesmas. Aprendemos a partir daí, quais as consequências do nosso modo de agir sobre elas. Essas consequências adquirem significado para nós. Utilizando-nos de várias experiências, adquirimos ou formulamos regras, princípios básicos para nortear a nossa forma de estar no mundo. O conjunto destes princípios básicos, crenças ou valores, constituirão nossa visão do mundo, uma síntese de nossas vivências. Podemos chamar de nosso paradigma social e ético.

Os valores são constituídos a partir de vivências e só se alteram também a partir de outras vivências. Dificilmente transmitimos valores através de aulas ou qualquer outra forma de transmissão racional e/ou verbal. As famílias e comunidades desenvolvem estes valores compartilhados ao longo do tempo, influenciados pelo seu contexto cultural, e a este conjunto chamamos Ética (Seixas, 2006).

O hábito, como *ethike*, exige uma ação participativa – participar no processo – produzir atos nessa esfera – não é uma apreciação estética ou uma compreensão intelectual... (Diskin, 1998).

Temos que aprender a estar cá, no planeta. Aprender a estar quer dizer aprender a viver, a partilhar, a comunicar e a comungar (Morin, 1998, In Lia Diskin).

A Ética é assim constituída por preceitos e comportamentos éticos desenvolvidos através de nossa existência e de nossos inter-relacionamentos Homem-Mundo. Assim sendo, os preceitos são mutáveis, não ao acaso, por valores espontaneístas, voluntaristas, mas são determinados por culturas particulares em função de certos momentos históricos, variando de acordo com cada sociedade e período de sua existência. Cabanas (1996) chama a esta posição de “relativismo”, em que os valores fundamentais seriam relativos a determinados espaços e tempos, não existindo como valores universais. Sem adotarmos nenhum dos extremos, podemos concordar com Adorno (1978) que diz que os valores universais como justiça e verdade existem. O que não podemos dizer é que já os atingimos, porque só apreendemos uma parte deles.

As pessoas precisam, para adotar seus valores, de tempo para vivenciar alguns, questioná-los, pensar sobre eles e finalmente adotá-los criticamente. A rapidez das experiências do mundo atual, não facilita esta explicitação clara de preceitos e comportamentos norteadores, devidamente vivenciados e valorizados. Como, estando a família envolvida pela crise social e tendo seus valores abalados

pelo relativismo atual, tanto quanto a da sociedade em que está inserida, poderá ajudar seus membros?

Entendemos que este próprio relativismo que nos confunde é o que nos dá uma saída. Coexistindo com uma visão tecnicista de mundo e ao lado de um consumismo e individualismo desenfreados, começa-se a delinear outra forma de ver o mundo, que nos parece oferecer uma saída mais construtiva para a realidade atual.

Para Capra (1996), cada vez mais se impõe a nós, uma compreensão do mundo como uma unidade ecológica e complexa, que não pode ser entendida sem que se perceba a interação entre seus elementos e sem que se busque uma co-participação. A consciência de uma complexidade crescente de perspectivas para cada fato abole a visão linear de causa e efeito, dificulta uma atitude julgadora de certo e errado e conseqüentemente impossibilita a existência de uma verdade única.

Isto por um lado, dificulta a eleição de uma escala de valores única e pode levar à impunidade, mas por outro lado, traz vantagens, porque torna a sociedade menos julgadora, preconceituosa e autoritária e mais capaz de conviver com diferenças. Pela evolução desta concepção de mundo, surge a epistemologia construtivista. Afirma que cada um apreende apenas um aspecto da realidade. O mundo em que vivemos é definido através das descrições conjuntas que fazemos de nossa experiência. Toda a realidade é uma co-construção social. Como não podemos validar nossas concepções como verdadeiras, porque a realidade esta "fora" de nós e é independente do observador e inacessível à experiência humana, o que temos que fazer é assumir a responsabilidade de como construiremos esta realidade e das conseqüências deste modo de construir. A busca de construções conjuntas para que nossas verdades sejam apoiadas em uma construção social e consensual passa a ser desejada e a forma de consegui-la é através do diálogo antagônico à competição. Dialogar respeitando as diferenças e buscando-se chegar a um consenso sem imposições, cuidando para que cada um seja considerado na sua individualidade, desde que arque com as conseqüências de seus atos e também não invada os demais.

Por tudo isto, hoje a atividade do sujeito na construção da sua individualidade adquire papel central. Hoje a pessoa incorpora fragmentos diversos de vários sistemas (escola, mídia, família, empresa e igreja) e ela própria deve concluir o seu. Isto envolve muitos riscos, mas também gera novas potencialidades para uma vida humana mais livre, igualitária e fraterna. É o tempo da decadência do poder e do autoritarismo e gera algumas modificações importantes de valores que vão repercutir na vida familiar e conjugal.

Diante de todas essas transformações é fácil imaginar como as pessoas e as famílias sentem-se perdidas em seus valores éticos, como se torna hoje difícil a transmissão dos mesmos entre pais e filhos, de forma adequada e como é

preciso cada um construir seus próprios valores. Muitas vezes, a família se perde nesta construção e se afasta até de suas próprias funções, que podem se desvirtuar. Nestas situações, vemos aparecer desmandos relacionais, ações sem sentido, educação sem princípios, violência. A co-construção torna-se impossível, sem a ajuda de um terapeuta familiar.

### **A rede social e a co-construção de valores familiares**

Aqui voltamos ao início de nossa conversa. Sabemos que as atitudes que constituem valores, não mudam com sermões ou admoestações, mas através de um novo processo relacional, de coexistência, convivência e coação.

Já vimos também, que a construção Ética tem a ver com a construção cultural em que está inserida, que o terapeuta de família é necessário para co-construir novos significados com a família que precisam modificar seus valores relacionais e sabemos agora, provado cientificamente, que as pessoas inseridas nas redes exercem muita influência na formação pessoal e ética e é fácil concluir, que embora o terapeuta de família vá atuar diretamente com a família, terá seu trabalho facilitado, se estiver inserido em uma rede institucional, à qual a família pertence, principalmente, se pretender atuar em um dos aspectos que mais afetam à família de hoje, que é a violência doméstica.

- Furnnis (1991) falando de violência diz que um aspecto em que é unânime a concordância de quem trabalha com violência é que ela deve ser vista: "Como um problema multidisciplinar genuíno e genérico; requer a estreita cooperação de uma ampla gama de diferentes profissionais com diferentes tarefas" (p. 5).

- Sendo um problema legal e terapêutico todos os profissionais envolvidos, devem ter o conhecimento de aspectos criminais, dos serviços de proteção às vítimas, assim como dos aspectos psicológicos e médicos implicados no problema.

- Uma terapia altamente qualificada pode ser muito antiterapêutica e psicologicamente prejudicial se não ocorrer em contexto mais amplo. Em qualquer abuso temos que considerar dois aspectos: o interacional e o legal. No interacional é resultado de disfunção familiar, no legal é um crime que ativa o sistema legal contra a pessoa que abusa e o de proteção em favor das vítimas.

- O terapeuta de família trabalha com os aspectos interacionais do abuso, unicamente. No abuso como uma síndrome de segredo (por parte da família) e adição (por parte do abusador), os terapeutas de família ficam incapazes de conseguir mudanças, quando se alijam do trabalho de outros profissionais da rede. Correm o risco de se aliarem ao comportamento conspiratório de segredo da família, que depois de pouco tempo abandona a terapia, por pressão do abusador, garantindo que já estão bem, que o problema já foi resolvido.

• O envolvimento do processo legal, como apoio contextual para a terapia é fundamental para a pessoa que abusa, enquanto adita, sendo a droga a criança. O processo legal pode proteger e assegurar o tratamento. Por outro lado, é importante que os policiais saibam que qualquer intervenção mal sucedida em que tenham que retirar-se por razões legais, sem provar nada, pode ser tomada pela pessoa que abusa, como uma permissão explícita e implícita para continuar abusando sob crescente segredo e risco menor de punição. Isto torna o abuso mais severo e prolongado e a pessoa abusada pode pensar que ninguém lá fora vai acreditar nela e não há como se defender. Daí a importância de trabalhar em conjunto com o terapeuta de família.

Além disto, é também importante que concorram no trabalho com violência, várias formas de terapia, individual, grupal e familiar, para que se dê conta dos aspectos de segredo e adição do abuso.

### **Funções do terapeuta de família na área de violência**

A violência doméstica é uma perigosa realidade, porque temos impulsos amorosos e agressivos e é a família a referência, a matriz de identidade que deve nos ensinar como controlar a raiva e dar saída às pulsões internas com limites. Caso a família forneça modelos de agressão, o ato lesivo passa a ser considerado normal, as crianças, às vezes, tornam-se insensíveis aos horrores da violência, não se critica as consequências que dela advém e é na sua rede o modelo agressivo aquele aprendido, para reagir a frustrações. A criança maltratada pode transformar-se também em futuro agressor e contribuir para o crescimento da violência no mundo, num ciclo pernicioso, que a terapia poderia interromper.

O primeiro objetivo do terapeuta que trabalha com violência é levar a paz às famílias das quais pretende cuidar e transformar por meio delas a sociedade em que vivemos. Para isto, este terapeuta tem que desenvolver e manter a paz interior e o pertencimento a uma rede o ajudará muito neste quesito, fazendo com que não se sinta desamparado, oferecendo recursos necessários para sua ação e apoio pessoal.

Deve desenvolver durante sua formação a capacidade de trabalhar com valores, respeitando os valores diferentes dos seus. Por meio do diálogo, da dramatização, da Comunicação Não Violenta, pode fazer as pessoas repensarem seus valores e reconstruírem suas vidas e a de suas famílias, baseados em um pensamento reflexivo. Neste aspecto também a rede o ajudará a manter a imparcialidade. Para abranger todos os múltiplos aspectos de um comportamento violento na família este terapeuta precisará trabalhar amparado por uma rede de apoio, que lhe garanta recursos para enfrentar os aspectos de saúde, sociais e jurídicos, que muitas vezes estão implicados no tratamento.

## O terapeuta de família na rede

Para Moreno (1975) as redes são como os leitos de um rio e as águas deste rio, são as interrelações positivas e negativas, que vinculam as pessoas.

Segundo Souza (2009), as redes potencializam o alcance e a qualidade das estratégias e ações, mediante interesses comuns. No caso da violência, ela quebra a barreira do silêncio, tornando pró-ativo o apoio mútuo. Favorecem o trocar experiências, ajudam a desenvolver projetos e ações conjuntas, articular esforços e competências, influenciar politicamente, aumentar nosso potencial de resiliência e solidariedade e auxiliam no desenvolvimento de projetos de formação e capacitação.

A violência é um problema complexo e multifacetado, envolvendo vários serviços e setores da sociedade. A rede cria oportunidade para um diálogo entre os serviços e setores, socializando a riqueza dos diferentes saberes e competências, considerando as especificidades, limites e possibilidades de cada organização e ajudando a encontrar soluções mais eficazes para os problemas. Por outro lado, o terapeuta familiar com sua visão sistêmica que lhe permite visualizar a família como um todo relacional é o único profissional que poderia trazer à rede uma visão mais ampla da situação familiar, mostrando inclusive a necessidade de se tratar o abusador, o que se sabe hoje, ser fundamental não só para a família, mas também para a sociedade, que terá a possibilidade de recuperar um de seus membros, que deixará de provocar outros males.

Infelizmente as autoridades não conhecem ainda profundamente as potencialidades e funções dos terapeutas familiares. São poucos aqueles que dariam espaço nos setores públicos para este tipo de profissional e com isto, nosso acesso às áreas em que poderíamos ajudar a desenvolver projetos públicos e políticas adequadas para o trabalho com a violência, ficam limitadas. Cabe às nossas entidades de classe, lutar por este espaço e a nós mesmos nos darmos a conhecer realizando ações pioneiras na área de violência. Para isto é preciso, que a maioria dos terapeutas familiares, se conscientize de que a violência familiar atingindo à família é nossa área indubitável de atuação, uma vez que atinge e desvirtua o nosso próprio objeto de trabalho, A FAMÍLIA e assumirmos a responsabilidade que nos cabe na reconstrução desta sociedade pós-moderna tão paradoxal.

Sinteticamente o que queremos considerar nesta oportunidade, é que:

1- A violência é uma realidade humana não aceitável e que tem que ser controlada, sob pena de inviabilizar uma vida digna;

2- Que este trabalho só terá sentido, se for feito utilizando métodos construtivos, apoiados em uma ideologia de paz com metas a atingir uma justiça social, que considere todas as pessoas igualmente importantes, por terem a mesma humanidade;

3- Que o terapeuta de família tem que entrar nesta construção, não apenas fundamentado em uma ideologia inclusiva, sem amparo valorativo, mas dentro de uma rede multiprofissional, que possa abarcar toda a complexidade do fenômeno da violência familiar.

### Referências

- Bertalanffy, L. Von (1977). *Teoria geral dos sistemas*. Petrópolis: Edit. Mestre Jou.
- Blank, C. E. (2006). *Construir o matrimônio na pós-modernidade: novas estratégias construtivas e interativas para a convivência matrimonial*. São Paulo: Paulus.
- Boff, L. (2004). *Ética e moral: a busca dos fundamentos*. Petrópolis: Vozes.
- Cabanas, J. M. Q. (2002). Educación moral y valores. *Revista de Ciencias de la Educación*, 166, abr-jun.1996. In M. S. D. S Menin, Valores na Escola. Educ. Pesquisa, 28(1), São Paulo Jan./June 2002.
- Capra, F. (1996). *A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos*. São Paulo: Editora Cultrix.
- Christakis, N. A. & Fowler, J. H. (2009). *Connected: The surprising power of our social network and how the shape our lives*. New York: Little Brown and Company.
- Comblin, J. (2006). Vocação para a Liberdade. In C. E. Blank, *Construir o matrimônio na pós-modernidade: novas estratégias construtivas e interativas para a convivência matrimonial*. São Paulo: Paulus.
- Diskin, L.; Martinelli, M.; Migliori, R. F & Espírito Santo, R. C. (1998). *Ética ou arte da convivência*. In L. Diskin, *Ética valores humanos e transformação*. São Paulo: Fundação Petrópolis.
- Furnnis, T. (1993). *Abuso sexual da criança: uma abordagem multidisciplinar*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Ghandi, M. K. (1999). *Autobiografia: minha vida e minhas experiências com a verdade*. São Paulo: Palas Athena.
- Horkeimer, M. & Adorno, T. W. (1978). *Temas básicos da sociologia*. São Paulo: Edit. Cultrix.
- Libânio, J. B. (2001). As lógicas da cidade. In C. E. Blank, *Construir o matrimônio na pós-modernidade: novas estratégias construtivas e interativas para a convivência matrimonial*. São Paulo: Paulus, 2006.
- Moreno, J. L. (1975). *Psicodrama*. São Paulo: Editora Cultrix.
- Morin, E (1998). *Terra Pátria*. In L. Diskin, *Ética valores humanos e transformação*. São Paulo: Fundação Petrópolis.
- Rubio, A. G. (2001). Unidade na pluralidade. In C. E. Blank, *Construir o matrimônio na pós-modernidade: novas estratégias construtivas e interativas para a convivência matrimonial*. São Paulo: Paulus, 2006.

Seixas, M. R. A. (2006). Trabalhando valores na terapia de casal. In S. Fedullo (org.) *Gritos e sussurros, interseções e ressonâncias: trabalhando com casais*. Vol II. São Paulo: Vetor.

Souza, M. J. L. (2009). *Workshop sobre redes*, apresentado na V Jornada de Terapia Familiar de São Paulo, APTF Pela Paz. Texto não publicado.

**Endereço para correspondência**

ritaseixas@uol.com.br